



GÊNERO E JUVENTUDE NO CONTEXTO ESCOLAR: RESISTÊNCIAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES.¹

Mayanne Adriane Cardoso de Souza

Pedagoga e Mestranda em Educação

Universidade do Estado do Pará – mayanneadriane@gmail.com

Alessandra de Almeida Souza

Pedagoga, Licenciada em Letras e Mestranda em Educação

Universidade do Estado do Pará – alessandra_almeidasouza@yahoo.com.br

Lucélia de Moraes Braga Bassalo

Doutora em Educação e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação

Universidade do Estado do Pará – lbassalo@uol.com.br

RESUMO

O artigo em tela objetivou analisar os desafios e possibilidades encontrados e vivenciados no âmbito educacional sobre os assuntos Gênero e Juventude. Metodologicamente, esta pesquisa possuiu uma abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, visando tornar possível conhecer e compreender movimentos teóricos indicadores de novas perspectivas de interpretação. Dessa forma, o artigo sinaliza a possibilidade de compreensão e discussão destes temas, de modo a proporcionar um novo debate que é exposto e dialogado sob a perspectiva da resistência no contexto educacional. A partir do estudo realizado, pode-se inferir que os estudos sobre Gênero e Juventude estão ganhando espaço dentro o contexto escolar, ainda que gradativamente. Estes temas ainda são vistos como um desafio pela maior parte dos professores, tendo em vista a falta de formação inicial e continuada. Percebe-se que as relações de gênero estão associadas à juventude, sendo estas caracterizadas e construídas a partir da cultura, fator crucial para sua formação.

Palavras-chave: Educação. Gênero. Juventude.

INTRODUÇÃO

O referido artigo possui como objetivo analisar os desafios e possibilidades encontrados e vivenciados no âmbito educacional sobre os assuntos Gênero e Juventude, temas atuais e desafiadores. Metodologicamente, esta pesquisa possuiu uma abordagem qualitativa, tendo em vista que de acordo com Minayo (1994): “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações médias e estatísticas” (p. 21). O tipo de pesquisa que permitiu o seu desenvolvimento foi a bibliográfica, visando tornar possível conhecer e compreender movimentos teóricos indicadores de novas perspectivas de interpretação. A pesquisa bibliográfica:

é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se

¹ Trabalho curricular, apresentado na disciplina de Epistemologia e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Mestrado/UEPA.



baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Para Gil (2007, p. 44) “os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema”. Assim, as discussões foram realizadas com base em leituras já publicadas e analisadas, de modo a facilitar a compreensão e o desenvolvimento do referido artigo.

O estudo está pautado na perspectiva das Teorias Pós-Críticas, as quais possuem como enfoque a diferença do que vinha sendo discutido e pensado até então. Logo, a educação, a pedagogia, o currículo, os sujeitos, as práticas educativas, dentre outros, passam a ser possíveis de serem explicados e compreendidos a partir das investigações pós-críticas. Desse modo:

Usando uma linguagem que recebe influências da chamada “filosofia da diferença”, do pós-estruturalismo, do pós-modernismo, da teoria queer, dos estudos feministas e de gênero, dos estudos multiculturalistas, pós-colonialistas, étnicos, ecológicos etc., as teorias pós-críticas realizam, no campo educacional brasileiro, substituições, rupturas e mudanças de ênfases em relação às pesquisas críticas. Suas produções e invenções têm pensado práticas educacionais, currículos e pedagogias que apontam para a abertura, a transgressão, a subversão, a multiplicação de sentidos e para a diferença (PARAÍSO, 2004, p. 284).

E, complementa que as teorias:

Têm discutido questões dos tempos e espaços educacionais, mostrando os processos de feita da escola moderna, bem como pensado, de diferentes formas, a diferença, a identidade e a luta por representação. Têm aberto mão da função de prescrever, de dizer aos outros como devem ser, fazer e agir. Têm, acima de tudo, buscado implodir e radicalizar a crítica àquilo que já foi significado na educação, e procurado fazer aparecer o que não estava ainda significado (PARAÍSO, 2004, p. 287).

Dessa forma, o artigo sinaliza a possibilidade de compreensão e discussão destes temas, de modo a proporcionar um novo debate, sob outras perspectivas, que são expostas e dialogadas sob a perspectiva da resistência no contexto educacional.

JUVENTUDE E RELAÇÕES DE GÊNERO

Weller (2012) ao abordar o tema Juventude e Relações de Gênero existentes no Ensino Médio, enfatiza que o Ensino Médio marca a vida dos estudantes, pois é uma fase crucial tanto em suas formações, quanto na construção de suas identidades. Nesse sentido, há o questionamento sobre Gênero ainda ser uma categoria pouco discutida no âmbito escolar, ainda que as



desigualdades de gênero estejam cada vez mais presentes e percebidas. Sobre o assunto, a autora diz que:

Pesquisas sobre estudantes do ensino médio devem, portanto, abranger não somente aspectos relativos aos conteúdos considerados necessários para a formação geral ou para a preparação de suas futuras escolhas profissionais. É preciso desenvolver uma escuta atenta e observação cuidadosa de questões identitárias que refletem sobre a vida desses/as jovens e que certamente terão impacto em suas decisões futuras, tanto na trajetória pessoal como profissional. (WELLER, 2012, p. 430).

Na perspectiva da autora, as desigualdades de gênero são percebidas com cada vez mais frequência pelos professores, porém os mesmos não possuem nenhuma ação para lidar com tais situações no contexto escolar, tendo em vista a ausência de percepção acerca da temática. Logo, para Weller (2012), a questão de gênero é vista como um tabu nas escolas e, assim torna-se um assunto silenciado e fator culminante nas inúmeras situações envoltas de preconceito e discriminação vivenciadas pelas/os alunas/os no ambiente escolar.

Além disso, a falta de formação dos professores também são fatores fundamentais para a sua falta de compreensão e iniciativa em minimizar e resolver os problemas oriundos das questões de gênero e sexualidade. Assim, a formação inicial e continuada seria de suma importância e redundância para que esses problemas fossem diminuídos, de modo a romper com o silenciamento e assim contribuísse de maneira significativa para que a sociedade viesse a se conscientizar e combater as diversas situações de segregação, exclusão, invisibilização e discriminação dentro e fora da Escola.

A RESISTÊNCIA DAS MICROCULTURAS JUVENIS

Ferreira (2012) enfatiza que os jovens acabaram recorrendo às microculturas como uma forma de representação social, fazendo com que as mesmas fossem associadas como sendo culturas de resistência. Tal afirmativa reflete pelo fato da juventude ser vista como sendo dominada e oprimida, de modo que a as subculturas surgem “enquanto representantes sociais dos seus membros mais jovens” (Ferreira, 2012, p. 349). Assim:

Tal como foram analisadas para as subculturas do passado, as práticas de resistência pressupunham ações dotadas de uma intencionalidade transformadora da ordem coletiva, tendo como objetivo produzir a ruptura na “ordem social” e ganhar o lugar dominante no que os atores percebiam como relações de poder, sendo tais práticas preconizadas com consciência dos efeitos sociais que delas poderiam advir (FERREIRA, 2012, p. 349).



Ferreira (2012, apud Giroux 2004) ao discutir sobre resistência, afirma que para uma ação ser caracterizada como tal, a mesma deve condenar as ideologias repressivas, contendo criticidade quanto à situação imposta de dominante, possibilitando com que ocorram reflexões e lutas acerca da emancipação social. Ainda sobre o assunto, o autor aponta que:

Para tal, a resistência pressupõe alguma organização grupal associada a um programa politizado, relativamente autocentrada e fechada, orientada no sentido de satisfazer os interesses do coletivo que celebra e interessada em resultar em mudanças efetivas na estrutura do sistema que denuncia (FERREIRA, 2012, p. 349).

De acordo com Ferreira (2012), a sua reflexão, sendo esta caracterizada como transformadora possui como intuito a garantia de um espaço social a partir da oposição e confronto, sendo estes advindos da resistência. Tal resistência pode garantir a existência de sua diferença, desconstruindo os estereótipos impostos e possibilitando o seu reconhecimento social. Vale ressaltar que:

Não serão, portanto, expressão de práticas aniquilatórias, no sentido que oferecem a possibilidade de mudar o mundo, enquanto estratégias de luta com o objetivo de destruir a “ordem social vigente” e impor uma nova ordem substitutiva. São, sobretudo, *práticas predatórias*, ou seja, práticas que aproveitam o espaço e os meios que a atual ordem social lhes disponibiliza no sentido de se (a)firmarem e se fazerem reconhecer enquanto possibilidades alternativas, a par de outras, tentando desse modo expandir das fronteiras culturais da expressão e da criatividade pessoal (através do corpo, da indumentária, da música, da palavra, da imagem etc.) (FERREIRA, 2012, p.351).

Ferreira (2012) discute acerca de uma pesquisa realizada com jovens e a partir da fala dos entrevistados, foi possível inferir que estes possuem uma frustração em decorrência de não possuírem a mesma ação social ocasionada pelos movimentos juvenis do passado, de modo a sentirem-se, inclusive, impotentes, por não terem como tentar, mesmo que coletivamente, instituir uma nova ordem social.

Sobre o assunto em questão, o autor afirma que:

Embora desafetos ao modelo social existente, não existe qualquer tipo de programa social utópico (como entre o movimento *hippie*, por exemplo), sequer *distópico* (como entre o movimento *punk*) a informar as práticas que esses jovens mobilizam, no sentido de expressar um imaginário de “sociedade melhor” ou “sociedade ideal”, com aspirações futuras de “igualdade”, “harmonia” e “justiça”, como acontece em grande parte dos programas sociais de natureza utópica. Pelo contrário, há da sua parte uma recusa iconoclasta das maquetas sociais que denotem, à partida, tal ambição (FERREIRA, 2012, p.352).



Na perspectiva do autor, o objetivo dos jovens é diminuir a distância pessoal que os atinge, em decorrência do ordenamento oriundo da sociedade contemporânea em que vivemos, de modo a possibilitar-lhes um espaço e, inclusive o reconhecimento de sua existência social. Desse modo, a discussão está pautada na reivindicação individualizada, de modo a promover uma mudança no sistema. Diante disso:

O que está em causa já não é a reclamação coletiva de uma mudança no sistema, mas a reivindicação individualizada de um espaço social em que uma determinada forma de existir se imagine viável enquanto *singular* (“ser diferente”), *autêntica* (seu eu próprio) e livre (“ser o que eu quero”) (FERREIRA, 2012, p. 354).

Dessa forma, a política de resistência, caracterizada pela experiência subcultural das culturas do pós-guerra, dá lugar à política de existência, sendo esta caracterizada e mobilizada por práticas que possibilitem o reconhecimento das identidades dos jovens, isentando-os dos inúmeros constrangimentos e conflitos vivenciados em decorrência da homogeneização cultural, de modo com que estes venham a ser percebidos e reconhecidos no mundo, conquistando um espaço de liberdade, dignidade e respeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado, pode-se inferir que os estudos sobre Gênero, Juventude e Estudos Culturais estão ganhando espaço dentro o contexto escolar, ainda que gradativamente. No entanto, o discurso sobre os referidos temas ainda são vistos como um desafio pela maior parte dos professores, tendo em vista a falta de formação inicial e continuada, conforme já fora mencionado.

Neste viés, percebe-se que as relações de gênero estão associadas à juventude, sendo estas caracterizadas e construídas a partir da cultura, fator crucial para a formação das mesmas. Assim, é de extrema relevância que ocorram maiores pesquisas acerca da juventude, de modo a englobar a perspectiva de gênero e tornar possível a compreensão e ascensão dos jovens.

Atualmente, as microculturas juvenis estão fragilizadas, em virtude do não reconhecimento de suas identidades, na qual os jovens buscam somente serem aceitos, bem como a terem direito à liberdade e ao respeito. Logo, as microculturas juvenis possuem a perspectiva de serem espaços na qual a autonomia e a emancipação se farão presentes. Assim, os professores possuem a tarefa de contribuir para que os alunos e alunas venham a se tornar indivíduos críticos, sempre atentos às experiências pessoais e sociais dentro do contexto em que estão inseridos.



REFERÊNCIAS

FERREIRA, V.S. Resistência versus Existência? A dimensão política das microculturas juvenis. In: DAYRELL, J; NOGUEIRA, M; RESENDE, J; VIEIRA, M (Org). Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil - Portugal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

PARAÍSO, M. A. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago, 2004.

WELLER, W. Juventude e Diversidade: Articulando gênero, raça e sexualidade. In: DAYRELL, J; NOGUEIRA, M; RESENDE, J; VIEIRA, M (Org). Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil - Portugal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.